

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

25 de março a 01 de abril de 2022 |
www.abbc.org.br

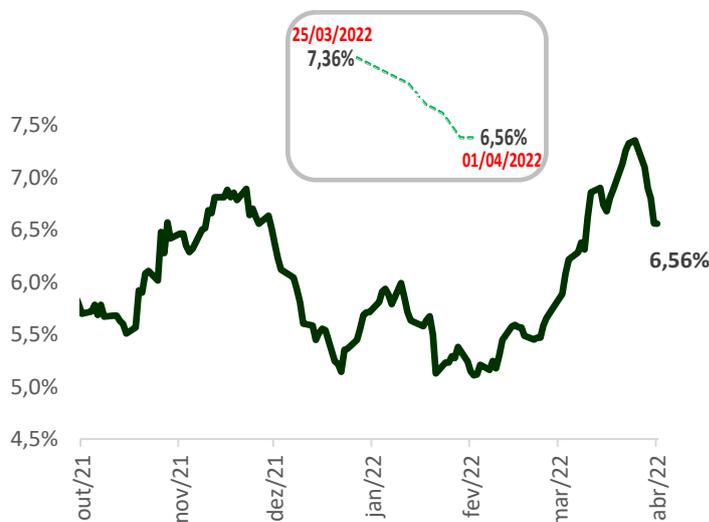


Exportações podem ajudar a atividade

Ligeiramente acima da esperada, a produção industrial cresceu 0,7% em fev/22, devolvendo parte da perda registrada em jan/22 (-2,2%). Com avanço disseminado, o principal destaque foi a recuperação do setor extrativo mineral (+5,3) que foi bastante afetado pelas fortes chuvas em janeiro. Já o Caged registrou geração líquida de 328,5 mil vagas formais em fev/22, dando sequência ao processo de retomada do emprego formal. Dessa forma, observa-se no mercado de trabalho uma melhora no perfil das vagas, com redução da informalidade e aumento das contratações com carteira assinada. Porém, a taxa de desocupação fechou o trimestre findo em fevereiro em 11,2%, estável em relação ao número anterior, e a renda média habitual com queda de -8,8% em 12 meses. Números da CNC indicam que o percentual de famílias endividadas alcançou novo recorde em março, encerrando 77,5% ante 76,6% no mês anterior (67,3% em mar/21). Apesar da incerteza quanto aos desdobramentos do conflito no Leste Europeu, a semana encerrou com diminuição da aversão ao risco. Mesmo com as chances de um aperto monetário mais agressivo, o dólar perdeu força nos mercados globais. O diferencial de rendimento de 10 e 2 anos entrou em campo negativo pela 1ª vez desde 2019, fechando em -0,06 p.p., sinalizando a aproximação de um processo recessivo e a entrada da política monetária em terreno contracionista. O real apreciou-se em 1,75% em relação ao dólar, cotado a R\$ 4,66. Mesmo com a dinâmica negativa para a inflação, o ganho em termos de troca beneficia a entrada de divisas, favorecida também pelo diferencial de taxa de juros, o que poderá estimular a atividade econômica no curto prazo, via exportações. A balança comercial registrou superávit de US\$ 7,4 bi em março, maior valor para o mês, impulsionada pelo volume recorde de exportações. Por fim, a Estrutura a Termo das Taxas de Juros encerrou a semana com queda dos prêmios em todos vértices, de modo que a taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias diminuiu -0,15 p.p. para 12,60% a.a.. Sem a divulgação de vários indicadores do Banco Central, os destaques para a semana serão os dados de inflação IPCA, IGP-DI, produção e emplacamento de veículos e a divulgação da ata do Comitê de Política Monetária do Federal Reserve.

Expectativas

Inflação Implícita (Em 12 meses)

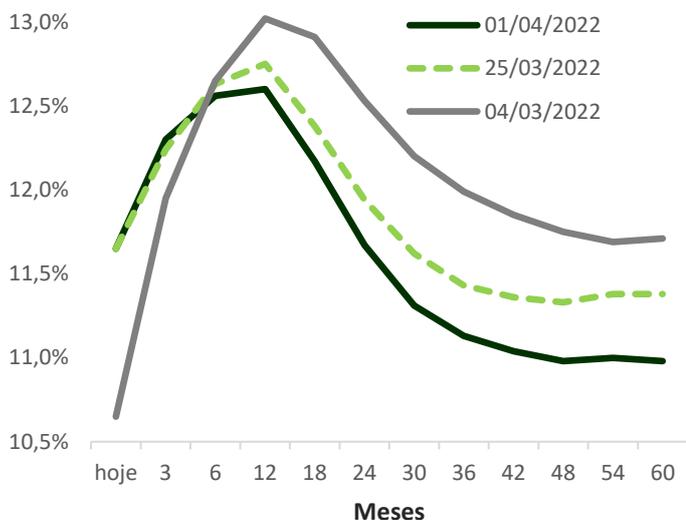


Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Refletindo a melhora nos dados de contas públicas que seguem apresentando desempenho favorável, as projeções tanto para o resultado primário das contas do governo federal como para a dívida bruta em 2022 estão sendo continuamente revisadas no relatório PRISMA. Nos últimos números referentes a março, a projeção para o Resultado Primário do Governo Central foi de déficit de R\$ -64,2 bilhões ante déficit de R\$ -74 bilhões projetados no relatório de fev/22. No início do ano, a estimativa estava em R\$ -88,7 bilhões. Para a receita líquida do governo neste ano, houve ampliação das estimativas que passaram de R\$ 1,654 trilhão no relatório anterior para R\$ 1,68 trilhão (R\$ 1,64 trilhão em jan/22) na pesquisa de março. Para a despesa total do governo, houve ligeira redução na estimativa que passou de R\$ 1,731,3 trilhão para R\$ 1,730,7 trilhão. Para 2023 é aguardado R\$ 1,797 bilhão. Vale citar que as estimativas de março ainda não contemplam as mudanças no ICMS, corte do IPI e a isenção do PIS/Pasep e Cofins sobre os combustíveis. Ademais, em virtude da greve dos servidores do Banco Central, a divulgação dos indicadores, como as estatísticas de crédito, contas externas e o resultado fiscal consolidado e o Boletim Focus não possuem data definida. Para finalizar, a inflação implícita de 12 meses embutida nas negociações de títulos públicos, por sua vez, apresentou expressiva queda de -0,80 p.p. para 6,56% na semana.

Taxa de Juros

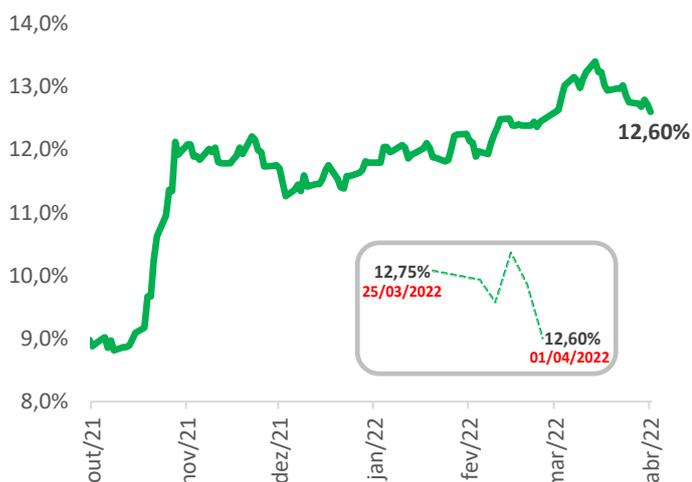
Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Amparada pela forte apreciação cambial decorrente do fluxo de investimento externo consistente com a alta dos preços das commodities e o aperto monetário, a Estrutura a Termo das Taxas de Juros encerrou a semana com deslocamento para baixo, a despeito da perspectiva de um processo de elevação dos juros norte-americanos mais agressivo. As taxas longas recuaram com mais força ante as demais fazendo a curva de juros perder inclinação.

A taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias exibiu queda de -0,15 p.p. encerrando a semana em 12,60% a.a.. As taxas de juros dos prazos de 2 e 3 anos retraíram-se em -0,27 p.p. e -0,30 p.p. para 11,67% a.a. e 11,13% a.a., respectivamente. Já os vértices de 4 e 5 anos cederam mais intensamente em -0,35 p.p. e -0,40 p.p. para 10,98% a.a. cada um.

Swap DI Pré – 360 dias (a.a.)



Já o spread da taxa de juros de 1 e 10 anos recuou fortemente em -0,33 p.p. para -1,14 p.p., no fechamento do dia 01/04.

Spread da Taxa de Juros

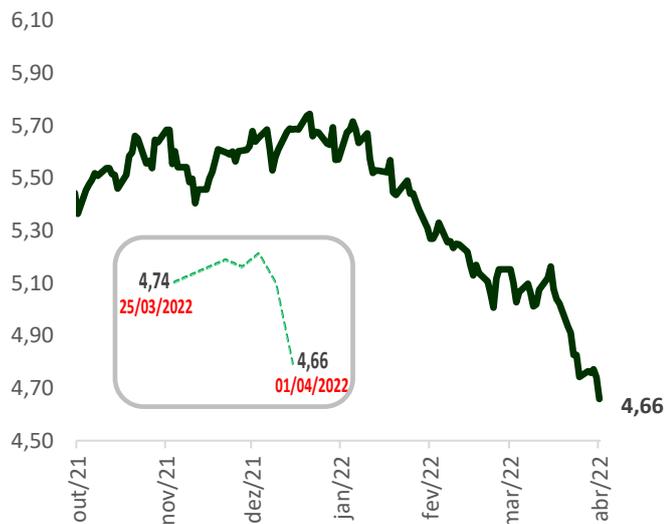
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

Câmbio

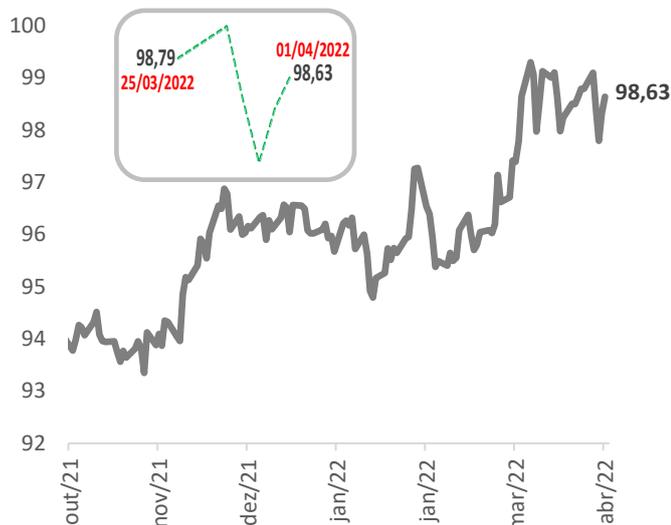
Real/US\$



O dólar perdeu força nos mercados globais, tanto frente às moedas dos países desenvolvidos quanto às dos emergentes. O movimento vai em linha com a diminuição da aversão ao risco no cenário internacional, apesar da descrença quanto à aproximação de um acordo entre Rússia e Ucrânia, com a queda no rendimento das T-Notes de prazo mais longos.

Assim, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da moeda norte-americana frente às de países desenvolvidos recuou -0,16% na semana, com destaques para a apreciação de 0,54% no euro e para a depreciação de 0,52% na libra esterlina. Em linha, o índice que mede a variação das moedas de países emergentes frente ao dólar exibiu alta de 1,93%, refletindo as apreciações de 1,05% na lira turca e de 0,90% no peso mexicano.

Dollar Index



Com apreciação de 1,75% na semana, o real encerrou o período com o dólar cotado a R\$ 4,66, mantendo sua trajetória de apreciação que vem desde meados de março. O Real segue beneficiado pelo fluxo de capital estrangeiro, como efeito das altas taxas de juros e valorização das *commodities*. Com isso, a divisa brasileira acumula apreciações de 8,03% na comparação mensal e de 18,41% na comparação interanual. Com isso, o Banco Central se manteve fora de atuação no mercado cambial.

Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Credit Default Swap (CDS)

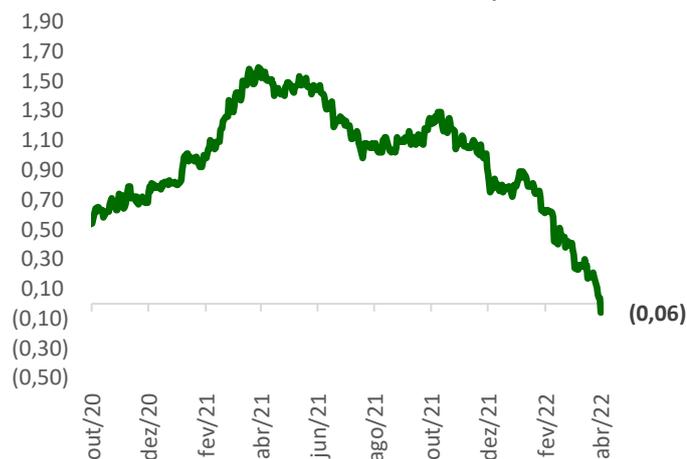


Apesar da descrença com a aproximação de um cessar fogo no conflito no Leste Europeu, anunciado no começo da semana, o período encerrou com diminuição da aversão ao risco. Nesse sentido, a medida de risco soberano brasileiro, calculada pelo CDS de 5 anos, caiu - 7,22 bps. para 207,79 bps..

O rendimento das *T-Note* de 10 anos recuou -0,10 p.p. na semana, encerrando em 2,38% a.a.. Por sua vez, com o aumento das projeções de um aperto monetário mais agressivo por parte do Fed, o retorno das *T-Notes* de 2 anos subiu 0,14 p.p. para 2,44% a.a.. Assim, o diferencial das taxas de 10 e 2 anos entrou em campo negativo pela primeira vez desde 29/08/2019, fechando em -0,06 p.p.. Essa inversão é um indicador antecedente da aproximação do processo recessivo, sinalizando que a política monetária começa adentrar no terreno contracionista.

T-Note

Diferencial entre as taxas de 10 e 2 anos)

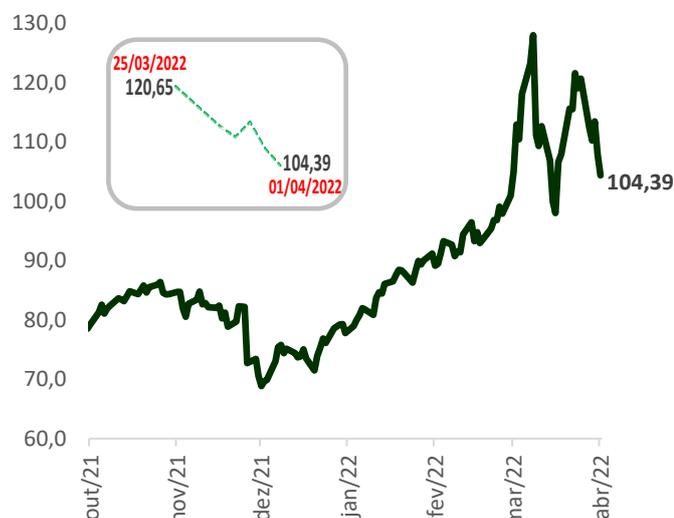


Na semana, os dados do mercado de trabalho apontando a criação de 431 mil vagas em março, levando a taxa de desemprego para 3,6%, assim como o PCE nos EUA em aceleração, reforçaram o entendimento da necessidade de um aperto mais intenso da política monetária.

Por fim, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou em US\$ 104,39, o que representou uma contração de -13,5% na semana. Pesaram para isso, a liberação por parte dos EUA e dos países integrantes da Agência Internacional de Energia de parte de suas reservas estratégicas da *commodity* e o anúncio da OPEP+ em aumentar a expansão de sua produção mensal de 400 mil barris diários para 431 mil.

Petróleo

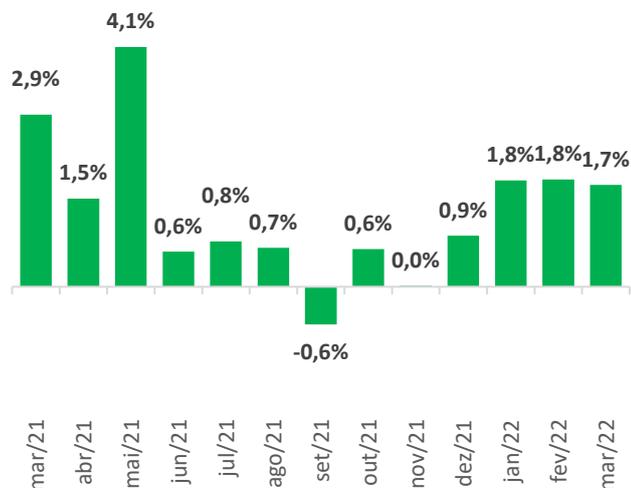
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

IGP-M - Mar/22

Variação Mensal

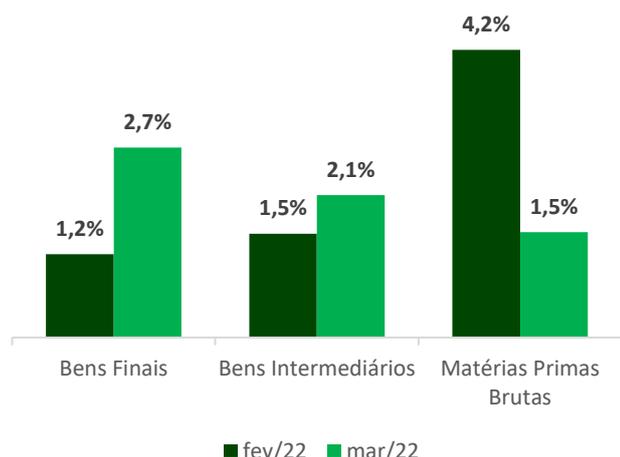


Superando as expectativas de mercado (1,5%) e sob impacto dos reajustes dos combustíveis, o Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M) avançou 1,7% em março (1,8% em fev/22). Com o resultado, o índice acumulou expansão de 5,5% no ano, com desaceleração de 16,1% para 14,8% em 12 meses (31,1% a.a. em mar/21).

Com aumento na margem de 2,1% (2,4% em fev/22), o IPA acumulou alta de 16,5% em 12 meses (18,2% em fev/22). Considerando-se os estágios de processamento, a taxa do grupo Bens Finais saiu de 1,2% em fev/22 para 2,8%, com destaque para o subgrupo de alimentos processados, que avançou 2,5% (-0,1% na leitura anterior). Em linha, o aumento de preços dos Bens Intermediários acelerou de 1,5% no mês anterior para 2,1%, alavancado pela inflação dos combustíveis e lubrificantes para produção, que passou de 5,4% para 8,0%. Por outro lado, os preços arrefeceram no estágio das Matérias-Primas brutas, de 4,2% em fev/22 para 1,5%, com as contribuições do minério de ferro (de 5,5% para -1,2%), milho em grão (de 7,9% para 2,5%) e café em grão (de 2,3% para -6,6%). Em sentido oposto, os itens suínos (de -11,1% para 10,0%), leite in natura (de -0,6% para 3,3%) e arroz em casca (de 2,1% para 10,6%) registraram acentuadas altas.

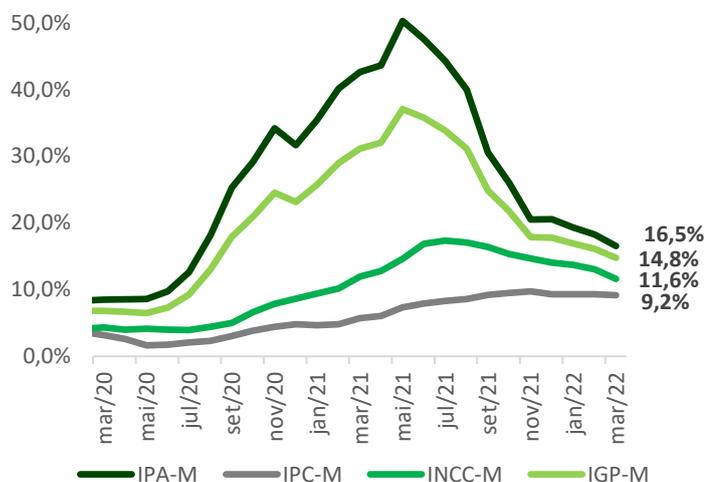
Variação Mensal

IPA – Estágios de Processamento



Acelerando em relação a fev/22 (0,3%), o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou incremento de 0,9% em março (9,2% a.a.), com 7 das 8 classes de despesas componentes do indicador registrando acréscimo em suas taxas de variação. Contribuiu para a aceleração o grupo Transportes (de 0,3% para 1,1%), com destaque para o comportamento dos preços da gasolina, cuja taxa passou de -0,9% em fev/22 para 1,4% em março. Outros destaques foram: Alimentação (de 1,1% para 1,7%) e Habitação (de 0,1% para 0,7%).

Evolução Anual

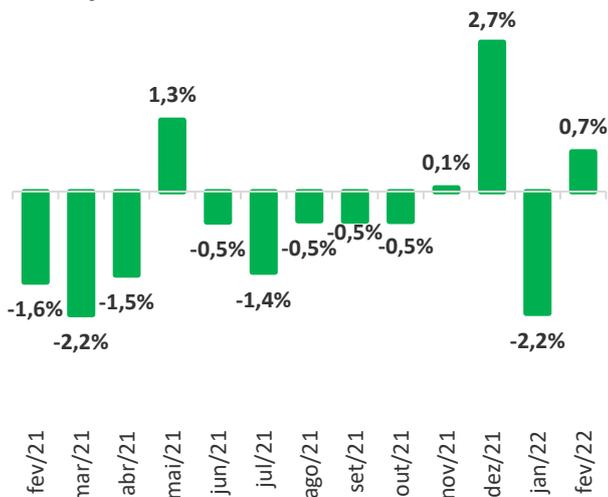


Finalizando, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) acelerou de 0,5% para 0,7% em março (11,6% a.a.), com o avanço nos preços da mão de obra (de 0,2% para 1,1%), enquanto materiais e equipamento e serviços arrefeceram.

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Produção Industrial Mensal - Fev/22

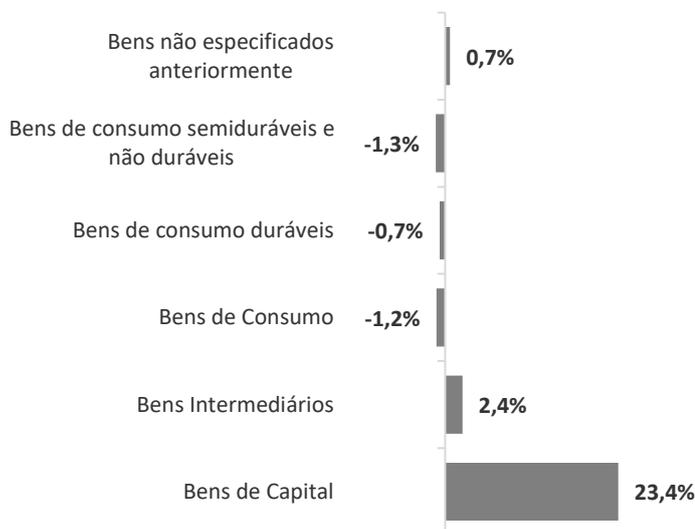
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Variação Anual Acumulado em 12 meses – por categoria de uso



Revertendo a queda de -2,2% em jan/22, a produção física industrial encerrou fevereiro com alta de 0,7%, na série com ajuste sazonal, acima da mediana das projeções. No mês, o índice de difusão com base nos subsetores industriais fechou em 45,6%, ou seja, menos da metade dos subsetores apresentaram variação marginal positiva, como o índice cheio. O destaque ficou para a indústria extrativa com alta de 5,3%, após queda de -5,1% em jan/22, se recuperando das fortes chuvas de janeiro, que atrapalharam a produção, principalmente em Minas Gerais.

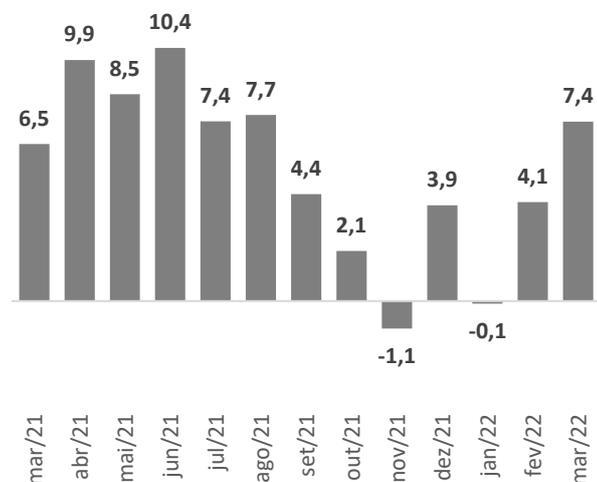
Apesar do bom resultado em fevereiro, a produção industrial ainda se encontra -2,6% abaixo do nível verificado em fev/22 e -18,9% abaixo do patamar recorde, observado em mai/11. Mesmo com a melhora, o desempenho futuro da produção industrial está complicado, tanto por causa de fatores ligados à oferta como à demanda. Do lado da oferta, a elevação da taxa de juros e, principalmente, o desarranjo na cadeia produtiva e de logística, que tende a ser agravado com o conflito no Leste Europeu, seguem como os maiores desafios. Já do lado da demanda, destaques para a inflação persistentemente elevada, alta do contingente de desempregados e para a massa salarial que não avança.

A evolução anual do índice da produção industrial acumulado em 12 meses mantém trajetória cadente desde ago/21 (7,2% a.a.), encerrando fevereiro com alta de 2,7% a.a. ante 3,1% a.a. no mês anterior. Considerando-se a abertura por categoria de uso, na mesma base comparativa, observam-se elevações para bens de capital (23,4% a.a.), bens intermediários (2,4% a.a.) e bens não especificados anteriormente (0,7% a.a.). Já o segmento de bens de consumo se reduz -1,2% a.a., com quedas de -1,3% a.a. nos semi e não duráveis e de -0,7% a.a. nos duráveis.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Balança Comercial - Mar/22

Saldo Mensal Em R\$ US\$ bilhões



Em março, a balança comercial encerrou com saldo superavitário de US\$ 7,4 bilhões, decorrentes de US\$ 29,1 bilhões em exportações e US\$ 21,7 bilhões em importações, após uma entrada líquida de US\$ 4,1 bilhões em fev/22. Com isso, a balança comercial acumulou um superávit de US\$ 11,3 bilhões no 1º trimestre do ano, o que representou altas de 133,2% em relação ao trimestre anterior e de 40,5% frente ao mesmo período de 2021.

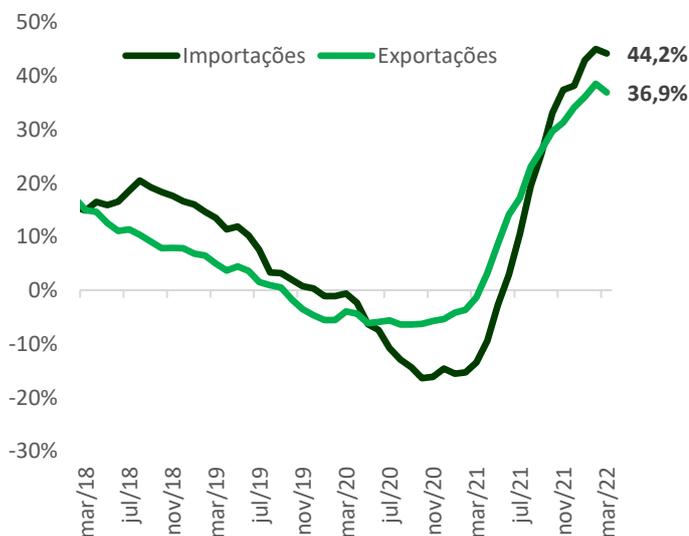
Dessa forma, o saldo acumulado em 12 meses encerrou em US\$ 64,5 bilhões, o que representou altas de 1,5% na margem e de 15,8% em 12 meses. O bom desempenho da balança comercial tem sido fundamental para o processo de ajuste das contas externas, em particular, para a redução do déficit acumulado em 12 meses das transações correntes (US\$ -27,7 bilhões em jan/22).

Saldo Acumulado em 12 meses – em US\$ bilhões



As variações anuais das exportações e importações acumuladas apontam um desempenho distinto. Nesse sentido, pelo 6º mês consecutivo, as importações apresentam crescimento anual maior do que o das exportações, encerrando com alta de 44,2% a.a. ante 45,0% a.a. no mês anterior. Por sua vez, as exportações acumuladas fecharam com ritmo de 36,9% a.a. contra 38,6% a.a. em fev/22.

Variação Anual Acumulado em 12 meses

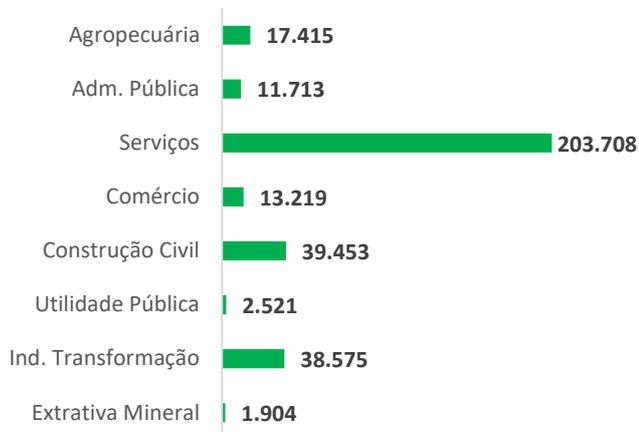


Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Caged – Fev/22

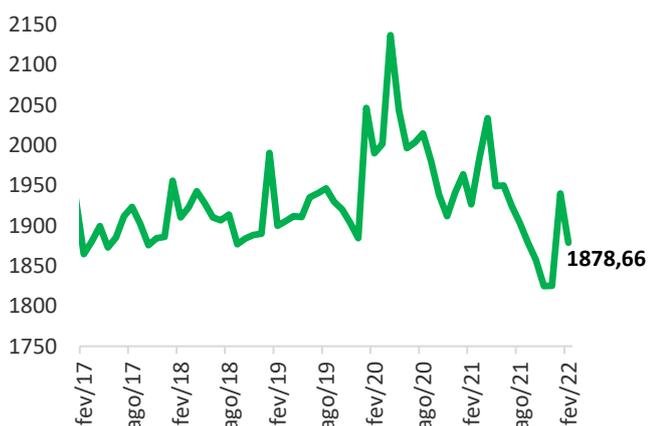
Saldo Mensal

Por setor de atividade – em milhares



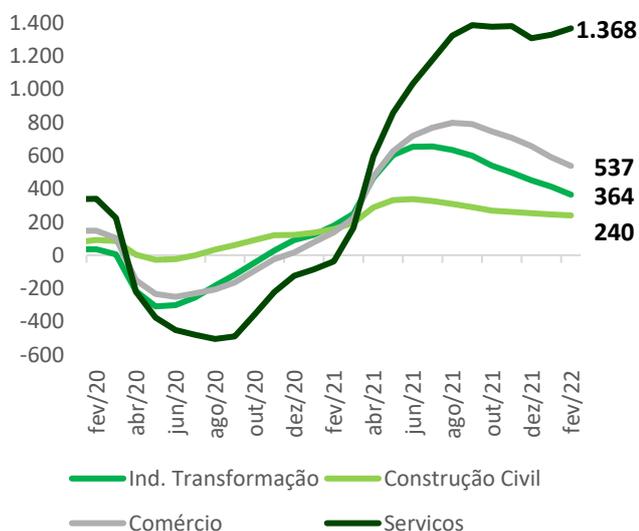
Salário Médio de Admissão

Deflacionada pelo INPC – em R\$



Saldo Acumulado em 12 meses

Por setor de atividade – em milhares



Refletindo a retomada do setor de serviços, os dados de fevereiro do Novo Caged apontaram uma criação líquida de vagas formais de 328,5 mil, decorrentes de 2.013,1 mil contratações e 1.684,6 mil desligamentos.

Na abertura por setor de atividade, todos os setores pesquisados apresentaram geração líquida de postos, com destaques para serviços (+203,7 mil), construção civil (+39,5 mil) e indústria de transformação (+38,6 mil). O setor de comércio, registrou saldo positivo de 13,2 mil novos postos, após retração de -60,1 mil postos de trabalho no mês anterior, sendo o único a apresentar perda líquida no acumulado do ano com a destruição de -46,9 mil vagas formais.

Sinalizando um processo de desaceleração na geração de empregos formais motivada pela redução dos incentivos do governo e pela debilidade da recuperação econômica, o acumulado em 12 meses apontou trajetória cadente no saldo de contratações, 2,681 milhões em fevereiro ante 2,750 milhões em jan/22 (2,852 milhões no acumulado de 2021).

Na abertura dos números em 12 meses, a maior contribuição foi do setor de serviços (1,367 milhão), seguido por: comércio (537,3 mil); indústria de transformação (363,6 mil); construção civil (239,7 mil); agropecuária (132,4 mil), utilidade pública (17,7 mil), extrativa mineral (16,9 mil); e administração pública (5,4 mil). Com exceção do setor de serviços e de administração pública, todos os demais setores apresentaram desaceleração no saldo de contratações no ano.

Por último, o valor real do salário médio de admissão encerrou com uma nova redução real (-3,2%) para R\$ 1.878,66. Na comparação com fev/20, período pré-pandemia a queda foi de -5,6% (R\$ 1.989,83).

Fonte: MTE. Elaboração ABBC

Pnad - Fev/21

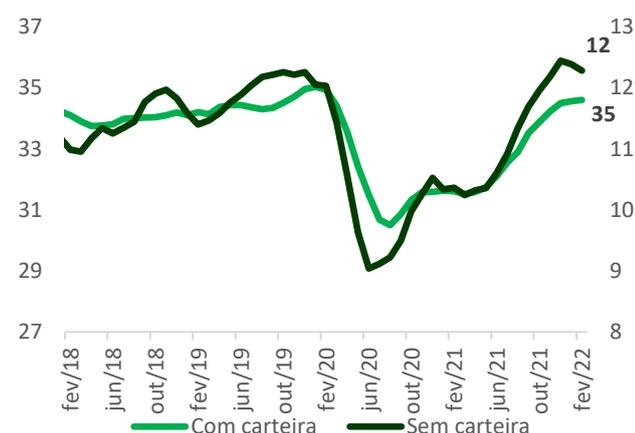
Taxa de Desemprego Trimestre móvel



Ligeiramente abaixo das expectativas de mercado, os dados da Pnad para o trimestre findo em fev/22 apontaram estabilidade com relação ao período anterior, comportamento associado sobretudo à redução da informalidade e ao aumento de trabalhadores com carteira assinada no setor privado. A taxa de desemprego encerrou em 11,2%, mesmo número registrado no trimestre móvel findo em jan/22, porém com queda de -3,4 p.p. frente ao mesmo período de 2021 (14,6%). Em fev/20, antes da pandemia, a taxa de desocupação estava em 11,8%.

Emprego no Setor Privado

Sem carteira no eixo secundário – em milhares

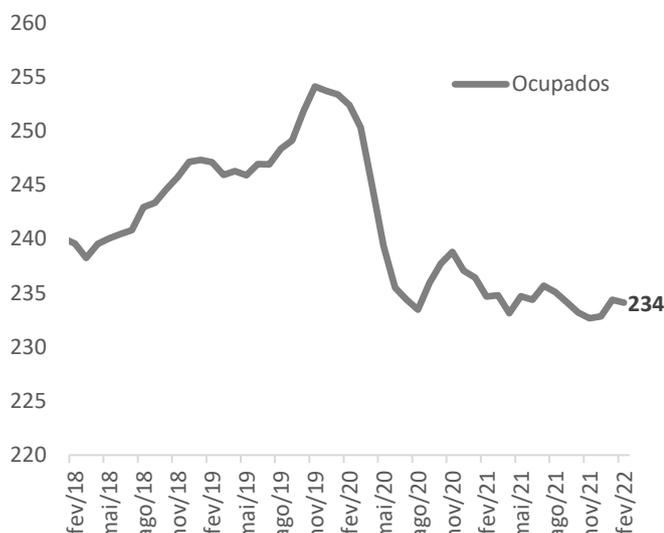


No trimestre, 6 das 10 categorias de atividades registraram decréscimos no indicador (construção civil, serviços prestados às empresas, agropecuária, alojamento e alimentação, indústria geral e comércio e reparação de veículos). Apesar da estabilidade frente ao trimestre anterior da população ocupada, estimada em 95,2 milhões, na margem apenas o setor de outros serviços e serviços domésticos tiveram contribuição positiva de 10,6 mil postos, beneficiando-se da maior redução das restrições sociais.

Considerando-se somente o emprego no setor privado, as contratações com carteira assinada apresentaram altas de 0,1% no trimestre e de 9,4% em 12 meses, alcançando 34,6 milhões. Já os empregos sem carteira retraíram-se -0,8% na margem e cresceram 18,5% em relação a igual período de 2021, totalizando 12,3 milhões. Para os trabalhadores domésticos com carteira houve acréscimo de 1,9% na margem e de 16,5% em 12 meses. Já os por conta-própria recuaram -0,9% na margem, com incremento de 8,6% em 12 meses. Assim, a taxa de informalidade passou de 40,6% para 40,2%.

Massa Salarial Real Habitual

Ocupados – em R\$ bilhões

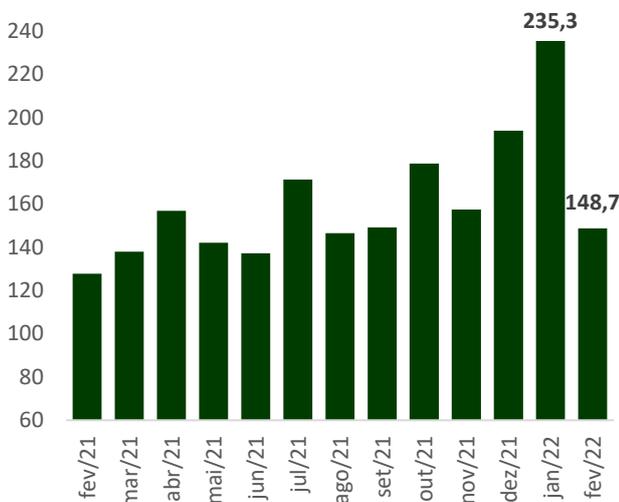


O rendimento médio habitual de todos os trabalhos encerrou o trimestre em R\$ 2.511,00, com ligeira alta de 0,1% no período e recuo de -8,8% a.a.. Com isso, a massa salarial real habitual dos ocupados fechou em R\$ 234,1 bilhões, o que representou quedas de -0,1% no trimestre e de -0,2% a.a.. Ainda pesa o efeito da inflação elevada sobre os rendimentos do trabalho.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Fiscal – Fev/22

Arrecadação Mensal

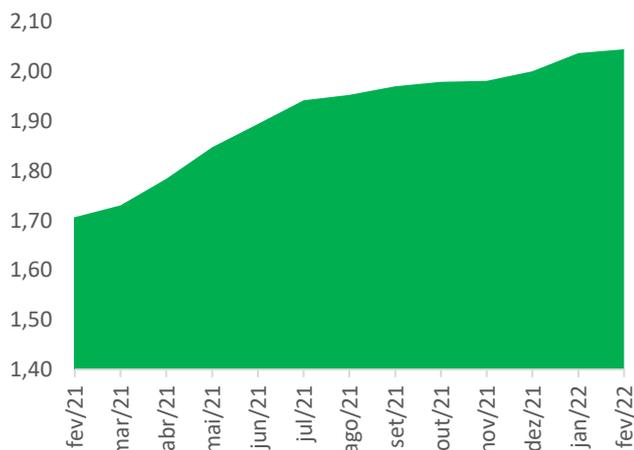


Acima da previsão dos analistas e alavancado pelo encarecimento do petróleo no mercado internacional, a arrecadação federal alcançou R\$ 148,66 bilhões em fevereiro, sendo uma retração de -37,4% na margem, em valores corrigidos pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Apesar da retração mensal, esse foi o melhor resultado para um mês de fevereiro desde o início da série histórica em 1995.

Mesmo sem a repetição de fatores atípicos no recolhimento do (IRPJ) e de Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) – em fev/21 havia sido registrado o recolhimento atípico de R\$ 5 bilhões em IRPJ e CSLL – as mudanças na legislação, o melhor desempenho do setor financeiro - devido ao aumento nos recolhimentos relacionados aos rendimentos dos fundos e dos títulos de renda fixa - e alta dos preços das commodities contribuíram para o resultado.

Acumulado em 12 meses

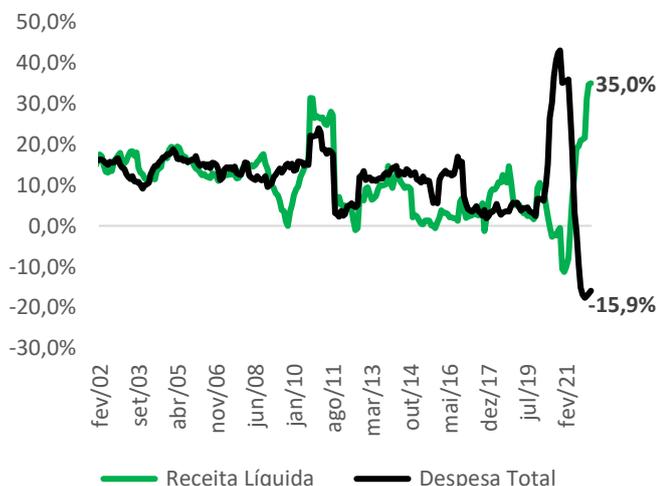
Valores em reais – em R\$ tri



Considerando-se a evolução anual do acumulado no ano, observou-se um crescimento real na ordem de 19,7%, totalizando R\$ 2.046.303,5 sendo alta de 24,3% considerando somente a receita com impostos. Também nesta métrica, esse foi o melhor resultado desde o início da série em 1995. Vale mencionar, que os dados de fev/22 ainda não refletiram a redução a zero do PIS/Cofins sobre o diesel, o gás de cozinha e o querosene de aviação, que deve vigorar até o fim do ano. A arrecadação previdenciária registrou queda de -2,7% na margem, porém com alta de 8,0% a.a. em termos reais, influenciada pela melhoria nos indicadores de emprego.

Resultado Primário – Variação Anual

Receita e despesa acumuladas em 12 meses

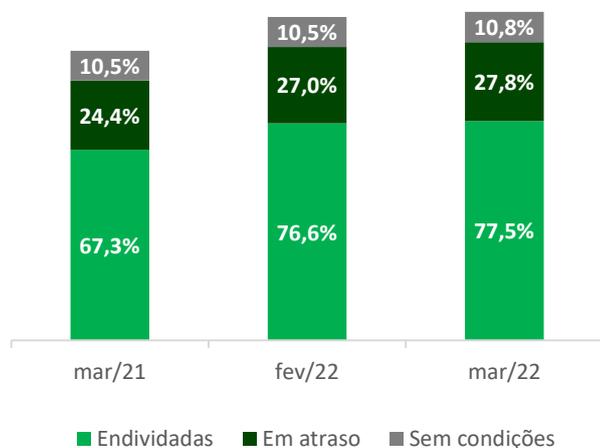


Ademais, ligeiramente melhor do que o esperado e depois do superávit recorde em jan/21, o saldo das contas do governo retornou ao patamar negativo. Dessa forma, o setor público encerrou fev/22 com um déficit primário de R\$ -20,6 bilhões contra um déficit de R\$ 21,3 bilhões no mesmo período de 2021 (-3,4% a.a.). Apesar do déficit primário em fev/22, o Governo Central ainda acumula um superávit recorde de R\$ 55,9 bilhões nos dois primeiros meses do ano, garantido pelo resultado favorável de janeiro (R\$ 76,539 bilhões). Considerando-se o resultado primário acumulado em 12 meses, em proporção do PIB, observa-se manutenção da tendência de estabilidade, com o déficit acumulado estabelecendo-se em 0,0% ante -9,8% em fev/21. O resultado evidencia que as receitas continuam a crescer em ritmo maior que as despesas. A variação anual das despesas acumuladas em 12 meses, encerrou o mês em -15,9% enquanto houve expressiva alta de 35,0% da variação anual das receitas líquidas acumuladas em 12 meses.

Fonte: Tesouro Nacional. Elaboração ABBC

Pesquisa de Endividamento e Inadimplência - Mar/22

Nível de Endividamento



De acordo com a CNC, o percentual de famílias endividadas alcançou novo recorde em março, encerrando em 77,5% ante 76,6% no mês anterior e 67,3% no mesmo período de 2021. Adicionalmente, houve piora em todas as aberturas. A relação das famílias com conta em atraso fechou em 27,8%, o que representou elevação de 0,8 p.p. na margem e de 3,3 p.p. em 12 meses. Na mesma direção, o percentual dos que se consideram sem condições de honrar suas dívidas encerrou em 10,8%, sendo altas de 0,3 p.p. no mês e em relação a mar/21.

Famílias Endividadas

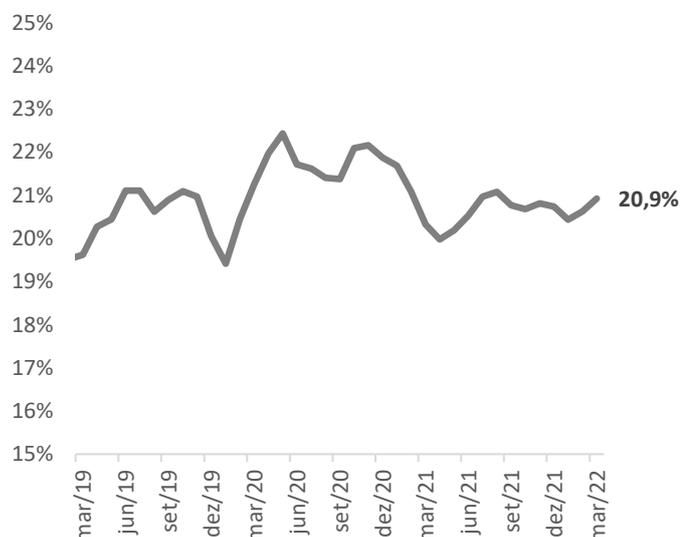


A dívida com cartão de crédito segue como a principal modalidade mencionada pelos endividados, com 87,0% ante 80,3% em mar/21. A modalidade conta com a maior taxa média de juros do mercado. A retomada do consumo, especialmente de serviços e por grupos de maior poder aquisitivo, em um cenário de elevada inflação, ajuda a explicar o uso maior do cartão. O crédito continuará caro, com a manutenção dos juros altos por mais tempo, em razão do novo choque nos preços aos consumidores. Somando-se à fragilidade apontada no mercado de trabalho, a dinâmica da inadimplência dos consumidores nos próximos meses seguirá sendo negativamente afetada.

Por fim, vale destacar o comprometimento da renda que segue trajetória de crescimento. Considerando o percentual com mais de 50% da renda comprometida, observa-se altas de 0,3 p.p. na margem e de 0,6 p.p. em 12 meses, totalizando 20,9%.

Comprometimento da Renda

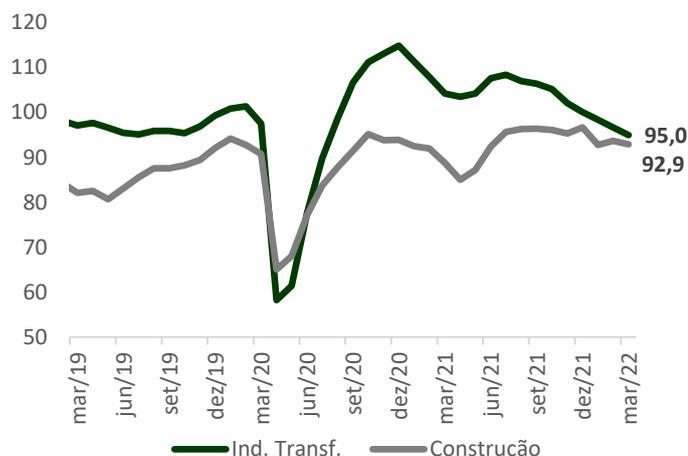
% dos endividados – comprometimento superior a 50%



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Sondagens de Confiança - Mar/22

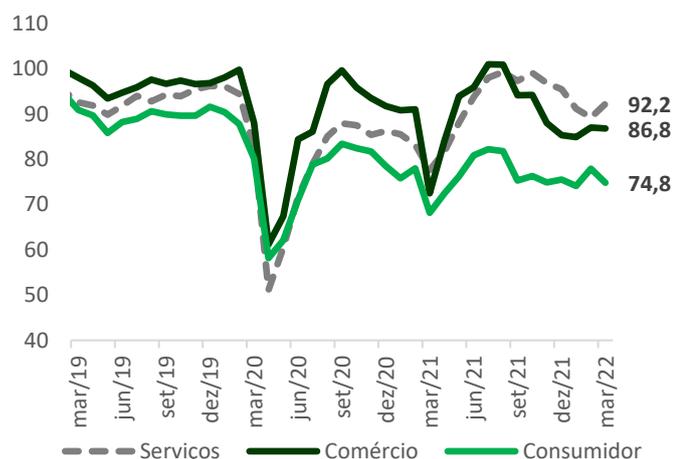
Índices de Confiança Dessazonalizados



Os índices de confiança apurados pela FGV que em fev/22, apontaram sinais distintos, convergiram de forma negativa em março, com exceção do setor de serviços. Aditivamente às preocupações com as pressões inflacionárias e ao aumento da taxa de juros, o conflito no Leste Europeu trouxe incertezas para a economia, elevando o risco de aumento da inflação e o aprofundamento do desarranjo das cadeias de suprimentos, com possível impacto direto em setores importantes.

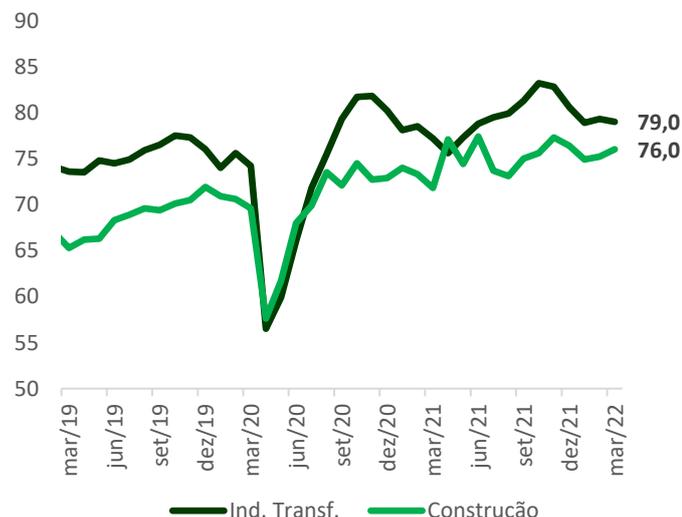
Com redução de -3,1 pts. na margem, na série dessazonalizada, a confiança do consumidor voltou a cair e atingiu 74,8 pts., impactado pela piora tanto do sentimento com a situação atual (-2,6 pts.) quanto em relação às perspectivas para os próximos meses (-3,2 pts.). O cenário reflete as preocupações com a inflação, a recuperação ainda lenta do mercado de trabalho e o elevado endividamento das famílias.

Índices de Confiança Dessazonalizados



Do lado dos empresários, com a atividade econômica ainda frágil, a confiança da indústria retrocedeu -1,7 pt. para 95,0 pts., dando continuidade à tendência de queda iniciada no 2T21, refletindo a deterioração do sentimento com a situação corrente (-1,1 pt.) e, principalmente, das expectativas para os próximos meses (-2,1 pts.). Em linha, a confiança da construção recuou -0,8 pt. para 92,9 pts., impactada pela piora das expectativas em relação ao ambiente de negócios nos próximos meses, especialmente por conta das incertezas com a demanda.

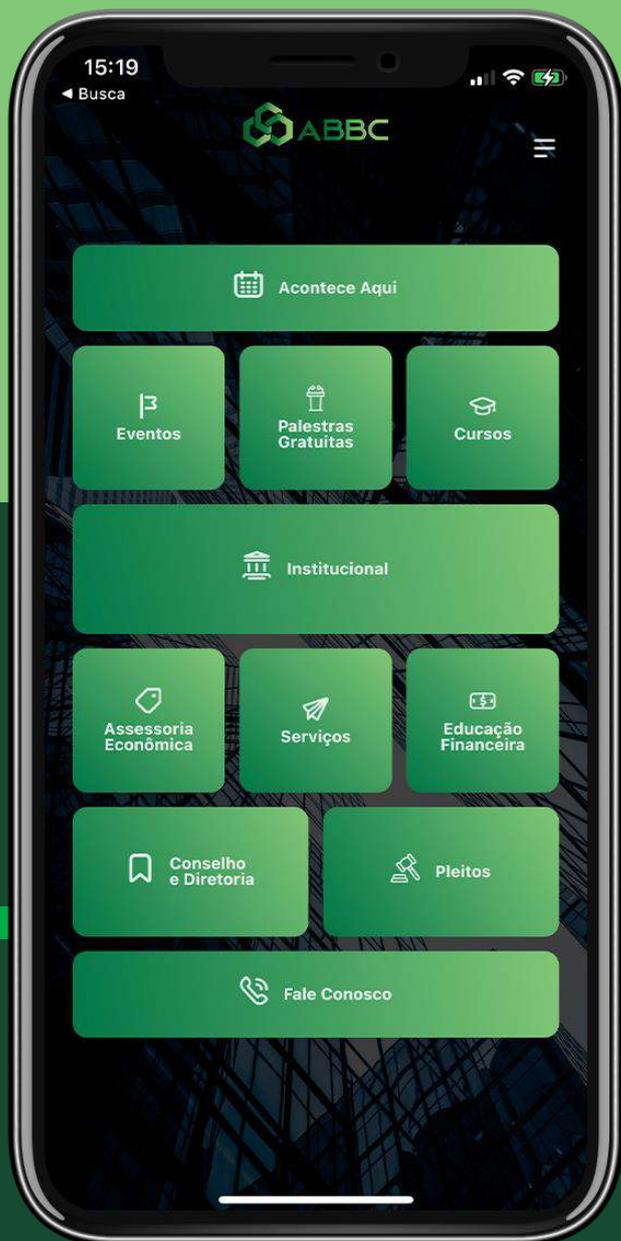
NUCI Sem ajuste sazonal



Em menor intensidade, o índice do comércio caiu -0,2 pts. no mês (86,8 pts.), refletindo a piora das expectativas para os próximos meses (-10,0 pts.), embora a percepção de demanda corrente tenha melhorado no período (9,5 pts.). Por sua vez, o índice do setor de serviços interrompeu uma sequência de 4 quedas consecutivas e subiu 3,0 pts. em março para 92,2 pts., diante da melhora da pandemia, o que tem permitido o avanço da mobilidade e a reabertura plena de algumas atividades.

Por fim, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da indústria apresentou na margem queda de -0,3 pt. para 79,0 pts., na série com ajuste sazonal. Já para a construção, o indicador exibiu alta de 0,8 pt. para 76,0 pts..

Fonte: FGV. Elaboração ABBC



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688